

1

**DOSSIÊ TEMÁTICO: ORGANIZAR A VIDA,
VIVER NA ARTE**

THEME: ORGANIZE LIFE, LIVE IN ART



1

DOSSIÊ TEMÁTICO: ORGANIZAR A VIDA, VIVER NA ARTE

THEME: ORGANIZE
LIFE, LIVE IN ART

Francisco Gaspar Neto
Luciana Barone

É com imenso prazer e satisfação que apresentamos o Dossiê ORGANIZAR A VIDA, VIVER NA ARTE, resultante do *Rumos da Pesquisa em Artes Cênicas em Tempos de Crise II*, evento virtual realizado pelo Grupo de Pesquisa Processos Criativos em Artes Cênicas (UNESPAR-CNPq), em fevereiro de 2021. Ao imaginarmos o evento, partimos da questão posta por Roland Barthes em “Como viver junto” (2003), para fantasiarmos o “viver com” nestes tempos de isolamento corporal, inspirados ainda pela ideia da ‘nuvem’, como proposta pelo devaneio de Gaston Bachelard (2001) e também como um não lugar, aglutinador de ideias e informações. A situação quase compulsória de isolamento social nos levou a (re)pensarmos os espaços sempre imbricados da vida e da arte.

Desde essas primeiras ideias, no entanto, a crise não parou de se agravar, em todos os seus aspectos, sanitário, político, econômico, humanitário e, portanto, ecológico, nos conduzindo ao entendimento de que a arte e a vida estão em jogo, também, em um plano maior, terrestre e cósmico. Cuidar de si e do outro tornou-se o imperativo para o viver juntos a ser construído agora, visando o futuro. E as noções de habitar e organizar ganham, nesse contexto, implicações que jamais poderíamos imaginar.

Este Dossiê reúne reflexões diversas, que podem ser vistas destas duas amplas perspectivas: a de organizar a vida e a de viver na arte. Perspectivas que se deslizam o tempo todo, uma em direção a outra, o que pode ser realizado pelo leitor, ao escolher seu mapeamento de leitura, não necessariamente na ordem linear em que o arquivo nos exige habitar. Cabe aqui ressaltar que nos abrimos também a formatos textuais diversos, que melhor abrigassem as proposições das autoras e dos autores. Assim, o leitor encontrará artigos, ensaios, memoriais, textos expositivos e narrativos, cujas extensões seguiram aquilo que os conteúdos pediram a sua autoria.

No eixo *Organizar a vida*, estão reunidos os textos que se debruçam sobre o reflexo da arte no modo de organizar a vida, seja por meio de engajamento político, do pensar a comunidade, do cuidado de si e do outro ou dos modos relacionais.

Em torno do trabalho de Michael Chekhov, Cass Fleming, em UM CONSTANTE PROCESSO DE EXPANSÃO, explora possíveis engajamentos da imaginação e do jogo, conforme propostos pelo diretor russo para o enfrentamento da crise gerada pela pandemia. Identifica, então, nas práticas de *ensemble* e de contato, uma política do amor, como proposta por Paulo Freire, engajada a uma responsabilidade social. A autora propõe ainda o Terceiro Espaço, inspirada em Homi Bhabha, como possibilidade de contribuição à melhora do bem-estar social e à imaginação e promoção de transformações políticas e poéticas no mundo pós-pandêmico. É relevante ressaltar que o referido texto se encontra aqui publicado na versão original, em língua inglesa, e também traduzido para a língua portuguesa.

Luciana Paula Castilho Barone, em DA CRIAÇÃO DE DARTINGTON HALL AO TEATRO ESTÚDIO DE MICHAEL CHEKHOV: OS PRINCÍPIOS DE COMUNIDADE, EDUCAÇÃO E ATUAÇÃO, entrelaça a narrativa biográfica do diretor russo e aspectos de sua técnica aos princípios educacionais da comunidade inglesa que abrigou o Teatro Estúdio Chekhov, permeando o texto com suas impressões relativas à pesquisa. Apoia-se, então, em filósofos contemporâneos da comunidade, para pensar o papel da alteridade como basilar tanto para Dartington Hall, quanto para a técnica chekhoviana.

1

DOSSIÊ TEMÁTICO: ORGANIZAR A VIDA, VIVER NA ARTE

THEME: ORGANIZE
LIFE, LIVE IN ART

Francisco Gaspar Neto
Luciana Barone

Verônica Fabrini, em QUANDO SERÁ O FUTURO? PRÁTICAS CHEKHOVIANAS DO IMAGINAR NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL parte da crise instaurada no cenário atual, para recorrer à imaginação, como possibilidade de inventar outros mundos possíveis. Propõe, então, uma aproximação entre as ideias relativas a um Teatro do Futuro, de Michael Chekhov, e algumas visões encontradas nas tradições dos povos originários do Brasil, apontadas por Kaká Werá e Ailton Krenak.

Partindo também da provocação de Ailton Krenak, para quem a crise sanitária, política e econômica que vivemos é, antes de tudo, uma crise ecológica, TENTATIVAS DE PERFORMAR O ENCANTO DURANTE A PANDEMIA, de Tania Alice, narra três experiências performáticas, realizadas durante a pandemia, que giram em torno do tema do cuidado e da atenção ao outro. As experiências configuram tentativas de preservar o encanto, inspirando à conexão com o amor, através de todas as formas de vida, mesmo em tempos de crise ecológica.

Diego Elias Baffi também aborda um processo de criação próprio, a intervenção urbana site specific Negativvivos, em um pequeno município do Norte Pioneiro Paranaense, em 2017, no ensaio “ ” INTERVENÇÃO URBANA E O INTRUSO EM UM SITE SPECIFIC SILENTE. O autor entrelaça reflexões a respeito das artes performativas, debatendo e analisando a integração de estados meditativos a processos criativos, investigando o lugar do corpo que se desconhece, de uma perspectiva filosófica, para a qual também aponta, ao lado da arquitetura, para pensar a noção de programa em ações de intervenção urbana.

Francisco Gaspar Neto e Caio Monczak, em PISTAS PARA ENCONTROS NÃO PREMEDITADOS, lançam o olhar sobre diversas obras contemporâneas, mostrando que nelas se encontram os aspectos constituintes do viver junto. Em resposta às telas invasivas e à privação de sono dos tempos atuais, eles propõem modos de relações que subvertam as disposições essencializantes de sujeitos, objetos e ambientes, e promovam o encontro entre o espaço e as subjetividades. Por fim, todas as pistas convergem para a análise da experiência da Prática de Arrumação, de Francisco Gaspar Neto, proposta para o evento, juntamente com Caio Monczak.

No eixo *Viver na arte*, estão reunidos os textos que discutem os aspectos propriamente artísticos, seja em termos de procedimentos, face ao advento da pandemia da COVID-19, seja por meio de análises de obras, dispositivos organizadores e conceituais, ou relativos à poética da cena.

Em O AIKIDO E A CAPOEIRA EM MEU PERCURSO COMO ATRIZ E PESQUISADORA, Renata Mazzei Batista rememora o início da sua formação teatral, atentando às dificuldades que experimentava com sua expressividade corporal. A partir da prática do Aikido e da Capoeira, relacionadas aos estudos de Rudolph Laban e ao pensamento de Martin Buber, a autora nos leva pelo percurso de um processo que aponta para modos de criação relacional. Com a pandemia, esse percurso teve de ser interrompido e a autora passou a se dedicar à relação de seu corpo com os objetos circundantes e o ambiente do isolamento.

Adriano Marcelo Cypriano, em HIC ET NUNC VERSUS CRONOTOPO: A MORTE E A MORTE DO TEATRO COMO LIBERTAÇÃO PARA ARTISTAS POR MEIO DAS VONTADES, DO DESEJO E DO INCONFESSÁVEL, aborda a súbita interrupção das atividades presenciais no teatro, explorando as mortes simbólicas daí decorridas, e as formas de sublimação da criação teatral para o enfrentamento do momento, tecendo analogias erotizantes para as deslizantes funções do teatro.

1

DOSSIÊ TEMÁTICO: ORGANIZAR A VIDA, VIVER NA ARTE

THEME: ORGANIZE
LIFE, LIVE IN ART

Francisco Gaspar Neto
Luciana Barone

A dramaturgia contemporânea também é debatida em *Viver na Arte*. Em PERFORMATIVIDADE, JOGO E LINGUAGEM NA DRAMATURGIA DE DON CORREA, Marcelo Bourscheid parte da obra do dramaturgo paranaense Don Correa para pensar a função performativa da linguagem elaborada por John Langshaw Austin articulada ao que Bárbara Cassin denomina de visão sofisticada da linguagem. Assim, o autor nos mostra como a obra de Don Correa funda jogos com regras próprias nascidas do interior da discursividade dramaturgical, ao mesmo tempo que engajam o espectador como coparticipante da obra para que ela se complete em sua eficácia dramaturgical.

Partindo das vivências de um de seus autores, o artigo GIRADRAMATÚRGICA: PROCESSOS CRIATIVOS EM DRAMATURGIA NEGRA, de Carlos Alberto Mendonça Filho e Stela Regina Fischer, faz uma análise crítica dos processos de segregação e dominação coloniais sobre corpos e sujeitos e aponta, ao final, como experiências de criação coletivas por e entre pessoas negras podem resultar em obras e pesquisas autenticamente negras.

Em DRAMATURGIA DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA PARANAENSE: UMA ESCRITURA DA FALTA, Sumara Gomes (Maia Piva) e Lourdes Kaminski Alves propõem que é através da ideia de falta que se caracteriza a produção dramaturgical contemporânea e como, dentro desta perspectiva, o teatro contemporâneo faz face à crise do drama identificada em obras de Peter Szondi, Jean-Pierre Sarrazac, Hans-Thies Lehmann e Sílvia Fernandes. Por fim, as autoras demonstram como essa crise se reflete na escrita dramaturgical feminina, mais especificamente na obra de autoras paranaenses.

A ANATOMIA NA SINTAXE, de Ligia Souza Oliveira, destaca na obra dramaturgical de Valére Novarina a mudança de acento do uso da palavra como meio de comunicação para a palavra como corporificação do vocábulo. Em sua análise, a autora se baseia nas noções de oralidade e performatividade de Paul Zumthor, articuladas com as noções de corporeidade e fisiologia em Novarina. Assim, a palavra em Novarina se desarticula do sentido rígido, associando-se diretamente com os aspectos corporal e fisiológico da oralidade.

A performatividade é abordada ainda da perspectiva da cena e, especificamente, da iluminação. Luiz Fernando Ramos, em MIMESIS PERFORMATIVA E O PROJETO “CENA” DE CRAIG: NUVENS ILUMINADAS, retoma a noção de *mimesis* desde Aristóteles, passando pela contraposição à *mimesis* dramática realista, de Bertolt Brecht, até a reação à tradição mimética que permeia todo o século XX, para vincular a *mimesis* performativa à cena em si, não ligada a um antecessor textual. Alude ao projeto de Craig, que vislumbrava uma cena substantiva e autônoma, para, através da ideia de efemeridade e substancialidade da nuvem bachelardiana, associá-la à iluminação performativa, que é tema de Nadia Moroz Luciani em A LUZ PERFORMATIVA COMO MATÉRIA DOS SONHOS NA IMAGINAÇÃO DO ESPECTADOR VIRTUAL. A autora delinea a luz performativa como matéria que permite à imaginação superar a passividade da visão e as limitações do mundo real para ingressar no mundo subjetivo dos sonhos, de forma ativa e participativa. Relacionando a percepção da luz à imaginação dinâmica de Gaston Bachelard e ao idiorritmo barthesiano, evoca a presença conforme concebida por Hans Ulrich Gumbrecht, em sua relação com a experiência, implicando o impacto sobre os sentidos, para refletir sobre o papel da iluminação no teatro virtual em tempos pandêmicos.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!